

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AS ESTRANHAS VIAGENS DE FERNANDO FERNÁN-GÓMEZ
10 e 14 de Fevereiro de 2026

MANICOMIO / 1954

Um filme de Fernando Fernán-Gómez e Luis Maria Delgado

Realização: Fernando Fernán-Gómez e Luis Maria Delgado / Argumento: Fernando Fernán-Gómez e Francisco Tomás Comes, baseado em histórias de Edgar Allan Poe, Ramón Gómez de la Serna, Aleksandr Kuprin e Leonid Andreyev / Direcção de Fotografia: Cecilio Paniagua e Sebastian Perera / Cenários: Eduardo Torre de la Fuente / Música: Manuel Parada / Som: Felipe Saez Barea / Montagem: Félix Suárez Inclán / Interpretação: Fernando Fernán-Gómez (Carlos), Susana Canales (Amanda), Julio Peña (Miguel), Elvira Quintillá (Mercedes), Antonio Vico (marido de Mercedes), Maria Asquerino (Eugenia), José Maria Lado (Dr. Posada), Maria Rivas (Juana), Vicente Parra, Carlos Diaz de Mendoza, etc

Produção: Helenia Films / Cópia: DCP, preto e branco, falada em castelhano com legendagem eletrónica em português / Duração: 76 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Manicomio foi a primeira experiência na realização de Fernando Fernán-Gómez, popularíssimo actor do cinema espanhol entre os anos 1940 e os anos 2000 (um dos seus papéis mais inesquecíveis foi em **El Espíritu de la Colmena**, de Victor Erice). Fernán-Gómez (que nasceu em 1921 e morreu em 2007, aos 86 anos), para além do cinema, teve uma intensa actividade no teatro e na literatura (que foi a sua formação universitária, juntamente com a filosofia), e publicou peças (algumas das quais depois filmou), romances, ensaios, poesia, contos para crianças, enfim, andou por quase todos os géneros da escrita.

Saber isso ajuda a perceber um pouco a raiz de **Manicómio**, que adapta, num misto de narrativa corrida e filme de “sketches” (como era popular na década de 50 no cinema europeu), quatro histórias de vultos literários de algum coturno: o americano Edgar Allan Poe, o espanhol Gómez de la Serna, os russos Kuprin e Andreyev. Com o tempero de uma epígrafe colhida em Shakespeare (“senhor, dá-nos uma brisa de loucura que nos livre da necessidade”), que nos faz imediatamente pensar que, entre todos os entendimentos que possa ter, se refere inviamente (pelo menos o suficiente para passar na censura) ao ambiente de estufa que se vivia em Espanha por “necessidade” da ditadura franquista (e já agora, para completar o ramalhete literário contido em **Manicomio**, entre os figurantes encontra-se fugazmente um amigo de Fernán-Gómez que décadas mais tarde seria Nobel da literatura, o escritor galego Camilo José Cela). Vale ainda a pena dizer, a propósito disto, que a crítica espanhola da época, de modo geral pouco apreciadora do filme, se queixou de que se trata de um filme demasiado “literário”, qualificativo que hoje nos parece um pouco estranho (ou o que se entendia nos anos 50 por “cinema literário” é totalmente diferente do que se entende hoje ou, para além da inspiração do argumento, não há no filme o mais leve aspecto que nos sugira aplicar-lhe essa expressão).

A epígrafe shakespeariana também nos indica logo a abrir qual o tipo de olhar que o filme tem sobre a loucura, palavra e conceito que de resto não são para serem entendidos aqui “cl clinicamente”, antes “poeticamente”: como tal, **Manicomio** encena a loucura como algo bem

vindo e benfazejo, uma manifestação de liberdade, quase anarquista, ou quase surrealista, uma ruptura na superfície cinzenta das coisas que tem que ser vivida e celebrada exactamente pelo seu potencial para virar o mundo do avesso. Paralelamente a isto, quase como ideia classicamente gémea, vem um velho “tropo” das narrativas sobre o assunto: a dificuldade em discernir, a olho nu, entre loucura e sanidade, em traçar a linha que separa o “homem louco” e o “homem são”, ideia, aliás, proferida quase tintim por tintim por uma das personagens de médico. A chegada de Carlos (o próprio Fernán-Gomez, o “homem são” entre psiquiatras e doentes, cuja “sanidade” será progressivamente posta à prova) ao manicómio joga logo com isto, com a personagem da rapariga harpista, sobrinha do director, que está sempre agarrada à harpa mas “não é louca”, conforme veredicto do director. Depois, o filme é divertidíssimo e movimentadíssimo, os vários relatos que os pacientes fazem dos seus casos (e onde se “escondem” as histórias adaptadas pelo argumento) a serem ocasião para os realizadores explorarem todo o seu potencial cómico, burlesco, anarquizante e surrealizante (mas também algo sinistro, o que nos leva outra vez para o contexto do franquismo: quem tem o poder de decretar a “loucura”, quem tem o poder de declarar alguém inapto para o convívio social sem restrições?).

O filme é tão mais divertido quanto se agarra a ideias básicas, quase infantis: a história dos “macacos de repetição”, por exemplo, que tem barbas longuíssimas (ou fraldas: todos os miúdos alguma vez se armaram em “monos de repetición” para aborrecer os adultos) e emprega à exaustão um truque nada sofisticado, quase que apostávamos que vai pôr a sala a rir-se à gargalhada.

Luís Miguel Oliveira